



MAURÍCIO  
WALDMAN

## Genocídio dos armênios: Cem anos de injustiças e impunidade

Nesta semana, transcorre o centenário de um dos mais estarrecedores episódios da história universal: o genocídio do povo armênio.

Perpetrado durante a Primeira Guerra Mundial, pelo decadente Império Turco-ou Otomano- as matanças ceifaram a vida de 1,5 milhão de armênios, número ainda mais assustador quando se sabe que equivale a 75% dos membros deste povo.

Territorialmente, a história se repete. A Turquia arrebatou oito décimos do território armênio. Outro décimo integra nações vizinhas. Assim, a atual República da Armênia seria mera décima parte. Uma fração do espaço imemorial armênio.

Mas, esta estranha sina não parece combinar com a antiguidade dos armênios no espaço e no tempo. Crônicas gregas e persas já os mencionavam. Desde sempre ocupando ampla região do Oriente Médio, a posição estratégica das terras armênias é incontestável. Não é a toa que o Monte Ararat, ponto culminante da Armênia histórica, está mencionado na Bíblia como ponto de dispersão das populações humanas após o dilúvio.

Possuindo língua e alfabeto próprios, literatura milenar, arquitetura distinta e grande leque de singularidades, os armênios também se distinguiram pela adesão à fé cristã. A Armênia foi o primeiro país no mundo a ter o cristianismo como religião oficial.

Todo este imenso acervo histórico, geográfico e cultural, em tese, propiciaria justo e honrado lugar aos armênios no concerto das nações. Mas, foram exatamente tais imperativos que, pelo contrário, no seio do Império Otomano, pavimentaram a trajetória do martírio armênio.

A partir do século 19, eram cada vez mais visíveis os sinais de decadência do Império Turco. País multiétnico reunindo turcos, armênios, árabes, gregos, judeus, curdos e assírios, o domínio político era exercido pelo Sultão. Lentamente, o regime foi erodido pelo avanço da economia mundial e da noção de Estado-nação, ambos amplamente endossados pela premissa de homogeneidade étno-cultural.

Neste cenário, o nacionalismo turco recrudescer. Fundamenta ideologias que se desdobrariam no massacre dos armênios. Entre os adeptos da revisão no modo de ser da Turquia, está uma parcela da população turca disposta a transformar o Império num Estado-nação. Isto é: num país turco.

Na Europa, tal processo escoou durante gerações, embalado pela apaixonada obsessão em destruir os que fossem diferentes do padrão nacional proposto. As medidas incluíam língua, leis, costumes e religião. Porém, a Turquia não tinha muito tempo a disposição. Daí que se na Europa o processo de irrupção do Estado-nação primou pela belicosidade e pela truculência, tal sequência na Turquia materializou ações ainda mais agressivas.

O alvo eram os armênios. Para muitos turcos, parecia que os armênios estavam em toda a parte. Eram demasiados. Exis-

tiam médicos armênios demais. Havia número excessivo de professores, artistas, cantores, intelectuais, financistas e comerciantes armênios.

Para piorar, eram não-muçulmanos. Não passavam de uma minoria de cristãos insolentes, que ocupavam postos sociais que, na realidade, deveriam estar nas mãos dos turcos legítimos. Não era mais suficiente controlar o poder político e o exército. A nova classe dominante turca em ascensão aspirava também monopolizar a economia, o motor do mundo contemporâneo.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial pareceu hora privilegiada para o acerto de contas. Momento ideal para tirar os armênios do caminho. Todos os documentos apreendidos deixam claro este desejo de eliminação. Era necessário exterminar os armênios. Todos eles. Sem exceção. Sem piedade.

Assim foi. No dia 24 de abril de 1915 começa o grande massacre. A elite armênia é presa e eliminada sumariamente. A chacina viria em seguida. Mas, sem paralelo com o genocídio dos judeus pelos nazistas. A Alemanha era um país de forte base industrial. Nada mais natural que o extermínio fosse metódico, programado e dotado de eficiência logística.

Ora, esse luxo que não estava disponível aos otomanos. Assim, lançou-se mão de qualquer forma de erradicação. Armênios eram queimados vivos em igrejas transformadas em fogueiras. Dezenas de milhares foram mortos em marchas forçadas pelo deserto. Outros eram afogados em navios apinhados postos a pique com cargas de dinamite. Na falta de munição, milhares foram mortos a paulada. Tudo executado com requintes de barbarismo.

Não faltavam execuções em massa insufladas pelo fanatismo religioso. Decapitações eram realizadas ao som de rezas e cânticos. Na visão de muitos executores, o genocídio era uma empresa sagrada, fadada a honrar os verdadeiros fiéis.

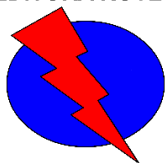
No que igualmente difere do caso alemão, a Turquia até hoje nega o genocídio armênio de todos os modos. O número de mortos foi menor do que as mais acuradas estatísticas denunciam. A Turquia estava em guerra. Portanto, as baixas eram militares e não civis. Isto, mesmo quando as vítimas eram crianças, anciões e mulheres desarmadas. Em suma: a carnificina não passaria de uma invenção. Uma peça de ficção criada para caluniar a Turquia. Cem anos de omissões. Cem anos de injustiças. Cem anos de saque das terras armênias. Cem anos que aguardam indenizações, reconhecimento e moralidade. Cem anos que lembram a necessidade de não esquecer.

Memória, sempre a memória!

Na Segunda Guerra Mundial, na conferência de Wannsee (1941), na qual os nazistas decidiram a liquidação dos judeus, certos líderes estavam apreensivos com a repercussão do extermínio. Isso não seria um problema?

Hitler então retrucou: E os armênios? Quem se lembra deles?

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados  
pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

